ELO

IRMÃS SALVATORIANAS - PROVÍNCIA SÃO PAULO
Boletim Provincial – Maio – Junho – Julho – 2011

Nesta edição:

- ADS Piracicaba
- Pentecostes
- Silêncio
- Maria: Discípula Missionária
- Entrevista: Vidas a Serviço da Vida“
- Abolição X Liberdade

Irmãs Salvatorianas na TV século 21
Programa:

O MUNDO PARA O SALVADOR

Todos os Domingos as 20h00 e
reprise as Terças-feiras as 05h30m,
e conheça a Vida e Missão Salvatoriana

Você também poderá assistir pela internet.
Entre no site: www.tvseculo21.org.br e clicar
em assista ao vivo e depois em baixa resolução.

Maria: Discípula Missionária

Maria é a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários. Ela, da mesma forma como deu à luz o Salvador do mundo, trouxe o Evangelho à nossa América. No acontecimento em Guadalupe, presidiu, junto com o humilde João Diego, o Pentecostes que nos abriu aos dons do Espírito. A partir desse momento, são incontáveis as comunidades que encontraram nela a inspiração mais próxima para aprenderem como ser discípulos/as e missionários/as de Jesus.

Os diversos títulos e os santuários espalhados por todo o Continente testemunham a presença próxima de Maria às pessoas, e ao mesmo tempo manifestam a fé e a confiança que os devotos sentem por ela. Ela pertence a eles e eles a sentem como Mãe. (DA)

Maria, que "conservava todas estas recordações e as meditava no coração" (Lc 2,19; cf. 2,51), ensina-nos o primado da escuta da Palavra na vida do discípulo e missionário

Fixamos o olhar em Maria e reconhecemos nela a imagem perfeita da discípula missionária. Ela nos exorta a fazer o que Jesus nos diz (cf. Jo 2,5) para que Ele possa ser conhecido, amado e seguido por todos os povos. Junto com ela, queremos estar atentas à escuta de Jesus Salvador, e ao redor dela, voltarmos a receber o mandato missionário de seu Filho: "*Vão e façam discípulos todos os povos*" (Mt 28,19).

Maria é a discípula mais perfeita do Senhor. Interlocutora do Pai em seu projeto de enviar seu Verbo ao mundo para a salvação humana, com sua fé Maria chega a ser o primeiro membro da comunidade dos crentes em Cristo, e também se faz colaboradora no renascimento espiritual dos discípulos. Sua figura de mulher livre e forte emerge do Evangelho conscientemente orientada para o verdadeiro seguimento de Cristo. Ela viveu completamente toda a peregrinação da fé como mãe de Cristo e depois dos discípulos, sem estar livre da incompreensão e da busca constante do projeto do Pai. Alcançou, dessa forma, o fato de estar ao pé da cruz em comunhão profunda, para entrar plenamente no mistério da Aliança. (DA).

A figura de Maria, discípula por excelência entre discípulos, é fundamental na recuperação da identidade da mulher e de seu valor na Igreja. O canto do *Magnificat* mostra Maria como mulher capaz de se comprometer com sua realidade e diante dela ter voz profética. Hoje, Maria continua sendo protagonista da história. Ela tem representado um papel importante na evangelização das mulheres latino-americana e tem feito delas evangelizadoras eficazes, como esposas, mães, religiosas, trabalhadoras. Junto com Maria, Mãe Aparecida, Mãe de Guadalupe unamo-nos forças, projetos e ações que libertem radicalmente os milhões de mulheres da opressão, discriminação, machismo, exploração, marginalização, exclusão na sociedade e na Igreja, para que o protagonismo da mulher possa ser de anunciadora da Ressurreição de Cristo e como Maria Madalena possamos proclamar com todo o nosso ser; **"Eu vi o Senhor"** Jo, 20,

O Povo encontra a ternura e o amor de Deus no rosto de Maria. Nela vêem refletida a mensagem essencial do Evangelho. Ela também é proclamada como a Mãe da Igreja, modelo fiel de adesão ao Projeto de Deus. Maria Mulher, perfeita discípula e pedagoga da evangelização. A Evangelizadora por excelência. Junto aos discípulos deu testemunho de fidelidade, mística e profecia. Anunciou com sua presença silenciosa e agindo no momento certo como aconteceu em Bodas de Caná nos ensina a sermos filhos e filhas em seu Filho e a fazer o que Ele nos disser (cf. Jo 2,5).

DIA DO SILÊNCIO
7 de Maio

Silêncio é o eco reflexivo interior, o vôo da solidão gigante, o grito eloqüente no auge da dor, o clamor do oprimido, a expressão criadora do poeta.

O **silêncio** é a ausência de barulho, sons, vozes e ruídos, segundo a definição de dicionários e enciclopédias.

Do ponto de vista da espiritualidade, o silêncio é força e caminho propício à introspecção e à meditação. O silêncio dos imensos desertos, por onde caminham os peregrinos, em busca da fonte inesgotável de paz e harmonia.

O **silêncio** que nos acompanha na intimidade e está conosco no instante final, companheiro e guia no caminho da eternidade.

Silêncio é a força misteriosa, repleta de sutilezas e transparências, que nos dá a medida exata da pureza, da humildade, da riqueza interior. Sem o **silêncio** a alma fica pequena.

"Há o **silêncio** manipulador, o **silêncio** torturante, o **silêncio** chantagista, o **silêncio** rancoroso, o **silêncio** conivente, o **silêncio** da zombaria, o **silêncio** imbecil, o **silêncio** do desprezo.

Há pessoas que matam com seu **silêncio**. Há **silêncios** que esmagam a justiça e a bondade, na calada da noite. O **silêncio** mais puro é aquele que guarda a confidência.

Este **silêncio** jamais é excessivo. Não se deve apregoar aos quatro ventos o que foi murmurado na intimidade da amizade e do amor. O silêncio mais sábio é aquele que fazemos diante dos impertinentes, intolerantes e desbocados.

É o silêncio do Cristo inocente diante dos acusadores, o silêncio dos espaços infinitos diante da quase infinita capacidade nossa de falar ou escrever sem razão. Calar da maneira certa é deixar que uma voz mais profunda seja ouvida. A voz severa, a voz serena, a voz suave e firme da verdade."

Fonte: Kplus

Irmãs Salvatorianas
Vidas a Serviço da Vida

Entrevista: Irmã Marta Carvalho
Relato da Missão Salvatoriana
Paraíso/BA

Irmã Renária: Irmã Marta, no dia 23 de março deste, você chegou a Santa Bárbara D'Oeste, após 08 anos de Missão Salvatoriana na cidade de Paraíso no sertão baiano. Desta forma, gostaria de saber como foi a sua experiência junto ao povo em todos esses anos?

Irmã Marta: A experiência que eu tive com o povo na Bahia, foi uma experiência muito boa, quando lá chegamos fomos bem acolhidas e esperadas pelo povo, prova disto é que já havia algumas pessoas com um caminhãozinho nos esperando para nos acolher e apanhar a nossa bagagem. Para mim, esses 08 anos foi um tempo de graça conviver com aquele povo carente, amoroso e que dava muito valor ao trabalho das irmãs.

Irmã Renária: Como foi o início da Missão Salvatoriana junto ao povo?

Irmã Marta: Santa Rosa de Lima (Paraíso) é uma das comunidades pertencentes à Paróquia São Roque, cidade de Serrolândia. A Paróquia era dividida em setores, e nós, Irmãs Salvatorianas, ficamos responsáveis pelo Setor 04. Quando chegamos à Paróquia estavam os Padres do Verbo Divino (Verbitas) e eles nos confiaram todo aquele setor composto por cinco comunidades rurais, sendo elas: Itapeipu, Salamin, Saracura, Pau Ferro, Pau D'Arco, mais o Contorno que ainda não era uma comunidade e o Paraíso que era a comunidade maior e também onde morávamos. Aos poucos fomos pisando o chão missionário, conhecendo as pessoas, fazendo os primeiros contatos por meio das visitas às famílias.

Irmã Renária: Como você e as demais Irmãs organizaram os trabalhos e envolveram as lideranças pastorais?

Irmã Marta: Após o conhecimento das pessoas iniciamos a formação de lideranças através de um acompanhamento sistemático, bem como, por encontros periódicos de formação. Passamos ao acompanhamento das pastorais, sobretudo, a liturgia e as que preparavam crianças, jovens e adultos para os sacramentos de iniciação à vida cristã, a pastoral dos enfermos e a pastoral da esperança (exéquias) foi alvo da nossa atenção. Também as visitas às famílias e o acompanhamento ás comunidades, especialmente por ocasião dos festejos dos padroeiros, quando éramos solicitadas para ajudar na preparação das festividades.

As quintas–feiras havia Adoração ao Santíssimo. este prática de adoração iniciou-se com a nossa presença salvatoriana, por ocasião de uma celebração no mês de Padre Jordan *(Fundador da Congregação das Irmãs Salvatorianas).* O povo gostou e pediu para que continuássemos toda semana com adoração ao Santíssimo, e a participação nesse momento de adoração era muito boa. Aos sábados tinha o ofício de Nossa Senhora onde estávamos sempre presentes e aos domingos havia a celebração da Palavra, pois a missa era apenas uma vez por mês. A liturgia dominical era preparada por nós Irmãs e pelos 04 grupos de liturgia, sendo que cada domingo era preparado por uma Irmã juntamente com um grupo de leigos. Os momentos fortes como a festa da Padroeira, eram organizados também com a nossa participação; recordo que nessa ocasião, uma de nós sempre acompanhava um grupo pelas roças e sítios pedindo donativos para a festa da padroeira, e, a alegria era expressa pela nossa disponibilidade. Sinto que sempre fomos bem quistas pelas pessoas e o povo valorizava muito a nossa presença e ajuda em todos os momentos da vida da comunidade.

Quanto ao envolvimento de lideranças, percebo que sempre buscamos fazer com o povo, com as lideranças das diferentes pastorais e grupos, a bem da verdade, disponibilizamos muitos encontros formativos, mas também organizamos os grupos e pastorais no sentido de favorecer que assumissem e realizassem os trabalhos em equipes.

Irmã Renária: O Documento de Aparecida nos diz que "Pela constante meditação da Palavra e das ações de Jesus, Maria é a discípula mais perfeita do Senhor (266)." E ainda, "Maria é a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários/as (269**)."** Que relação você estabelece entre o discipulado e a missionariedade de Maria com a experiência missionária que você viveu em Paraíso/BA?

Irmã Marta: Pelo que pude viver e experimentar nesses últimos oito anos, Maria, a mãe de Jesus foi o meu maior exemplo de simplicidade e acolhida. Sinto que me empenhei, a exemplo dela, a acolher todas as pessoas que me procurava seja em casa, nas ruas, nas conduções e na Igreja, com simplicidade de coração. Sinto que fui aprendendo com ela a revelar com simplicidade e amor feminino o rosto do Deus Mãe. Acredito que tudo o que fiz e testemunhei foi devido a presença e a força de Jesus Salvador.

Como discípula, me alimentei diariamente da sua Palavra e como missionária, levei ao povo baiano a Palavra de Deus, sendo um sinal de salvação e de vida.

Irmã Renária: Irmã Marta, em toda e qualquer missão, a comunidade religiosa é sempre chamada a ser e testemunhar sinais de doação e do amor de Deus. Como você percebe que a comunidade salvatoriana manifestou ao povo os sinais de amor e doação?

Irmã Marta: A nossa casa sempre estava de portas abertas para quem chegasse, demonstrávamos alegria pela chegada das pessoas, nunca nos significava um peso acolher seja quem fosse, e com isso, as pessoas sentiam-se livres em nos procurar em nossa casa, participando assim de nossas vidas e deixando que participássemos das suas. Em todos os momentos, fizemos como comunidade, o esforço de estar presente na vida do povo, celebrando os momentos de alegria como, nascimento, aniversário, casamento, celebração de jubileu, etc; e comungando das suas dores e sofrimentos, sobretudo nos momentos de falecimento e doença. E, quando por algum motivo uma de nós não estava presente, logo vinham nos perguntar por quem estava faltando. Também era interessante quando viajávamos, ao retornar, as pessoas mostravam interesse por saber de nós, como tinha sido os encontros e a viagem; além de nos acolher sempre com um abraço e sorriso carinhoso, cheio de contentamento pela nossa volta.

Irmã Renária: Irmã Marta, como foi o processo de deixar a comunidade de Paraíso?

Irmã Marta: Sentimos muito ao deixar essa comunidade na qual tivemos presente durante oitos anos, no entanto, nós Irmãs (Toninha, Maria Zélia e eu) sentimos que a comunidade já estava apta a caminhar sem a nossa presença assim como Província, tomamos a iniciativa de encerrarmos o trabalho missionário nesta comunidade. Foi custoso porque ao longo dos anos criamos muitos laços, mas, como missionárias devemos estar disponíveis para onde o amor de Deus nos chama e nos coloca.

Irmã Renária: Como foi a despedida do povo?

Irmã Marta: Na despedida, tivemos uma celebração Eucarística de envio, no dia 21 de março. Muitas pessoas estavam presentes, inclusive pessoas de todas as comunidades! O povo reunido, nos ofereceu o seu bem-querer com presentes, abraços, lágrimas e a sua gratidão pela nossa presença e vida doada. Saímos de Paraíso/BA, com a sensação e a certeza da missão cumprida, fizemos tudo aquilo que estava ao nosso alcance, amamos as pessoas e ao nosso Deus Salvador por meio delas, realizamos muito, mas principalmente fomos um sinal de Deus, como comunidade e como Irmãs do Divino Salvador. Rezo para que as sementes lançadas por nós germinem, e aqueles que já germinaram que continuem crescendo e dando bons frutos para o Reino de Deus.

PENTECOSTES

A origem do Pentecostes vem do Antigo Testamento, uma celebração da colheita (Êxodo 23, 14), dia de alegria e ação de graças, portanto, uma festa agrária **(festa agrícola judaica)**. Era uma festa não só de alegria e de encontro das famílias, como também de partilha com os mais necessitados. Era celebrada sete semanas (cinqüenta dias) depois da Páscoa, encerrando as solenidades pascais. Por isso, também se chamava Festa das Semanas. Mais tarde, tornou-se também a festa da renovação da Aliança do Sinai (Ex 19, 1-16). A partir das reformas de Esdras e Neemias, em meados do século V a.C., a Festa de Pentecostes passou a celebrar o Dom da Lei no Sinai, a festa da Aliança entre Deus e o povo.

No Novo Testamento, o Pentecostes está relatado no livro dos Atos dos Apóstolos 2, 1-13. Como era costume, os discípulos, juntamente com Maria, mãe de Jesus, estavam reunidos para a celebração do Pentecostes judaico.

Com base nas tradições e nos costumes judaicos a respeito de Pentecostes, Lucas construiu sua narrativa para falar de um novo Pentecostes: a presença do Espírito Santo guiando a missão dos evangelizadores no anúncio da Palavra de Deus.

Assim, cinqüenta dias após a Páscoa, a **Festa de Pentecostes** celebra o dom do Espírito Santo enviado por Deus à Igreja. A promessa de Jesus aos seus discípulos se realiza: "Mas recebereis o poder do Espírito Santo que virá sobre vós, para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judéia e Samária, e até os confins da terra" (At 1,8).

Jerusalém é o lugar onde termina o "tempo de Jesus" e começa o "tempo da Igreja". Os "atos" de Jesus começam na Galiléia e terminam em Jerusalém. Os "atos" dos apóstolos começam em Jerusalém e vão até os confins do mundo.

Portanto, Jerusalém é ponto de chegada e ponto de partida. É o lugar da manifestação do Espírito Santo de Deus, que encoraja os apóstolos para a missão.

No dia de Pentecostes, os discípulos estavam reunidos em Jerusalém. Depois dos acontecimentos da Páscoa, ficaram cheios de medo. Viviam juntos, desligados do mundo, mas eis que o Espírito Santo, dom de Deus, veio sobre eles.

Assim, aquele grupo de homens e mulheres amedrontados adquiriu a consciência de ser uma comunidade, uma Igreja, isto é, o corpo místico de Cristo. Todos sentiram que Jesus estava entre eles, mais ainda do que antes, porque, na realidade, Jesus não mais estava com eles, estava neles.

Então a Igreja se manifestou publicamente e começou a difundir o Evangelho mediante a pregação.

Nos dias que antecedem **Pentecostes**, a oração é o melhor caminho para se entrar em intimidade com o Espírito Santo e cultivar sua amizade. Se nos deixarmos conduzir pelo Espírito Santo, nossa oração será espontânea, contínua e brotará como uma fonte de água fresca que jorra da rocha.

Ao invocarmos o Espírito de Amor, enchemos a alma de alegria plena e inundamos o coração de paz inalterável.

Crer no Espírito Santo, entretanto, não é só crer na existência de uma terceira pessoa na Trindade, mas crer também na sua presença entre nós, em nosso próprio coração.

Crer no Espírito Santo significa bendizê-lo, adorá-lo e glorificá-lo em nós mesmos e no outro.

Para os cristãos, o Pentecostes marca o nascimento da Igreja e sua vocação para a missão universal.

Fonte: comshalom

ABOLIÇÃO X LIBERDADE

A escravidão pode ser definida como o sistema de trabalho no qual o indivíduo (o escravo) é propriedade de outro, podendo ser vendido, doado, emprestado, alugado, hipotecado, confiscado. Legalmente, o escravo não tem direitos: não pode possuir ou doar bens e nem iniciar processos judiciais, mas pode ser castigado e punido. No Brasil, o regime de escravidão vigorou desde os primeiros anos logo após o descobrimento até o dia 13 de maio de 1888, quando a princesa regente Isabel assinou a Lei 3.353, mais conhecida como Lei Áurea, libertando os escravos. A escravidão é um capítulo da História do Brasil. Embora ela tenha sido abolida há tantos anos, não pode ser apagada e suas conseqüências não podem ser ignoradas. A História nos permite conhecer o passado, compreender o presente e pode nos ajudar a planejar o futuro. Durante mais de três séculos a escravidão foi a forma de trabalho predominante na sociedade brasileira. Além disso, o Brasil foi à última nação da América a abolir a escravidão. Num país de 500 anos, um fato que perdurou por 300 anos assume grande importância na formação da sociedade brasileira.

A escravidão no Brasil teve início logo nos primeiros anos de colonização, quando alguns grupos indígenas foram escravizados pelos colonizadores que implantavam os primeiros núcleos de povoamento. Até o ano de 1600, aproximadamente, na maioria das regiões da Colônia, as populações indígenas foram o alvo preferido dos colonizadores. Os índios escravizados eram obrigados a trabalhar nas plantações, nos engenhos, nos moinhos, na criação de gado e nos serviços domésticos. O desrespeito ia mais além, na medida em que os indígenas tinham que adotar o catolicismo dos seus senhores e abandonar suas crenças e ritos. Devido a fatores como a crescente resistência dos índios à escravidão, os protestos da Igreja Católica, as doenças que dizimavam a população indígena e o crescimento do tráfico negreiro, pouco a pouco a mão-de-obra escrava indígena foi substituída pela negra. Os escravos negros eram capturados nas terras onde viviam na África e trazidos à força para a América, em grandes navios, em condições miseráveis e desumanas. Muitos morriam durante a viagem através do oceano Atlântico, vítimas de doenças, de maus tratos e da fome.

Os escravos que sobreviviam à travessia, ao chegar ao Brasil, eram logo separados do seu grupo lingüístico e cultural africano e misturados com outros de tribos diversas para que não pudessem se comunicar. Seu papel de agora em diante seria servir de mão-de-obra para seus senhores, fazendo tudo o que lhes ordenassem, sob pena de castigos violentos. Além de terem sido trazidos de sua terra natal, de não terem nenhum direito, os escravos tinham que conviver com a violência e a humilhação em seu dia-a-dia.

A minoria branca, a classe dominante socialmente, justificava essa condição através de idéias religiosas e racistas que afirmavam a sua superioridade e os seus privilégios. O escravo tornou-se a mão-de-obra fundamental nas plantações de cana-de-açúcar, de tabaco e de algodão, nos engenhos, e mais tarde, nas vilas e cidades, nas minas e nas fazendas de gado. Além de mão-de-obra, o escravo representava riqueza: era uma mercadoria, que, em caso de necessidade, podia ser vendida, alugada, doada e leiloada. O escravo era visto na sociedade colonial também como símbolo do poder e do prestígio dos senhores ,cuja importância social era avalizada pelo número de escravos que possuíam.

O comércio de escravos entre a África e o Brasil tornou-se um negócio muito lucrativo. O apogeu do afluxo de escravos negros pode ser situado entre 1701 e 1810, quando 1.891.400 africanos foram desembarcados nos portos coloniais. Nem mesmo com a independência política do Brasil, em 1822, e com a adoção das idéias liberais pelas classes dominantes o tráfico de escravos e a **escravidão** foram abalados. Neste momento, os senhores só pensavam em se libertar do domínio português que os impedia de expandir livremente seus negócios. Ainda era interessante para eles preservar as estruturas sociais, políticas e econômicas vigentes.

Vale lembrar que não eram todos os escravos que se submetiam passivamente à condição que lhe foi imposta. As fugas, as resistências e as revoltas sempre estiveram presentes durante o longo período da **escravidão**. Existiram centenas de "quilombos" dos mais variados tipos, tamanhos e durações. Os "quilombos" eram criados por escravos negros fugidos que procuraram reconstruir neles as tradicionais formas de associação política, social, cultural e de parentesco existentes na África. O "quilombo" mais famoso pela sua duração e resistência, foi o de Palmares, estabelecido no interior do atual estado de Alagoas, na Serra da Barriga, sítio arqueológico tombado recentemente. Este "quilombo" se organizou em diferentes aldeias interligadas, sendo constituído por vários milhares de habitantes e possuindo forte organização político-militar.

A Lei Áurea, que decretou o fim da **escravidão** no Brasil, **em 13 de maio de 1888**, foi um documento que representou a libertação formal do escravo, mas não garantiu a sua incorporação como cidadão pleno à sociedade brasileira. A ABOLIÇÃO NÃO SIGNIFICOU LIBERDADE, pois o ex-escravo, abandonado à sua própria sorte, engrossou as camadas de marginalizados, que constituíam a maioria da população. Não possuíam qualificação profissional, o preconceito continuava e não houve um projeto de reintegração do negro à sociedade que acompanhasse a abolição da escravatura. Expulsos das fazendas e após vagarem pelas estradas foram acabando na periferia das cidades, vivendo de pequenos e esporádicos trabalhos, normalmente braçais.

A **escravidão** deixou marcas na sociedade brasileira: a concentração de índios, negros e mestiços nas camadas mais pobres da população; a persistência da situação de marginalização em que vive a maioria dos indivíduos dessas etnias; a sobrevivência do racismo e de outras formas de discriminação racial e social; as dificuldades de integração e de inclusão dessas etnias à sociedade nacional e os baixos níveis de renda, de escolaridade e de saúde ainda predominantes entre a maioria da população. A **escravidão**, portanto, fornece uma chave fundamental para a compreensão dos problemas sociais, econômicos, demográficos e culturais ainda existentes na atualidade.

Redação do Elo

ADS - GRUPO: UNIÃO FRATERNA CECAP, Piracicaba/SP

Como tudo começou...

Em 1995, recebemos um convite, um chamado para sermos parte da Família Salvatoriana. Sem entender muito bem o sentido profundo que havia por trás desse chamado, demos o nosso Sim.

A seguir, ficamos ansiosos, aguardando o primeiro encontro como leigo, leiga salvatoriano/a. Em dia e hora marcados, nos reunimos e nos conhecemos, éramos 13 pessoas, algumas já se conheciam, outras não, mas com o jeito acolhedor da Irmã Rosângela Cassimiro, num instante nos tornamos amigos/as, irmãos/ãs e começamos os encontros de iniciação.

Aos poucos fomos sentindo que o chamado era um desafio e que exigia uma resposta. No início, esta resposta veio um pouco tímida, sem muito comprometimento, mas aos poucos percebemos que a resposta seria a de amor e gratuidade.

Fomos conhecendo a vida do Padre Jordan e da Madre Maria, pessoas de Deus, conscientes e comprometidas em anunciar a salvação que vem de Jesus Cristo, foi aí que entendemos que o sentido da vida é fruto da amizade do ser humano com o Deus vivo e verdadeiro.

Sempre contamos com o testemunho da Irmã Rosângela para nos animar; sentimos que deveríamos nos unir mais e mais e fazermos acontecer um trabalho de promoção da vida que realmente transformasse a nossa vida e a vida da comunidade.

Passamos então a uma nova missão: evangelizar através de visitas às famílias com problemas pessoais e de saúde, ou, para simplesmente nos reunirmos e agradecermos a Deus o Dom de nossas vidas.

Em algumas dessas visitas aprendemos muito com o testemunho dos doentes e saímos mais fortalecidos para continuarmos a caminhada.

Nosso grupo passou por diversos momentos de desgastes, por perdas, doenças, mas, como família vamos conseguindo superar e levar a mensagem de salvação, nossa principal missão aos nossos familiares, amigos, vizinhos e tantas outras pessoas que vamos encontrando ao longo da caminhada.

Algumas mudanças também aconteceram, foram convidados alguns casais para participarem conosco, porém nem todos quiseram se comprometer, apenas um casal permanece conosco e já assumiu seu primeiro compromisso, neste ano de 2011. Demos graças ao Senhor por isso.

As dificuldades existem em quaisquer grupo ou instituição, mas com a ajuda mútua podemos superá-las e continuar lutando por um mundo novo, graças a apoio de nossa assistente espiritual, Irmã Rosângela, que sempre nos esclarece e conscientiza para que possamos seguir com zelo apostólico e dar nosso testemunho de fé.

Tanto que assumimos um novo compromisso para o ano de 2011, dar formação inicial para 06 (seis) novos casais, durante seis meses para assim, colaborarmos no processo de novos discípulos de Jesus Salvador, assim como Padre Jordan e nós.

Padre Jordan deixou-nos o seu exemplo e testemunho de um homem que lutou sem medo, portanto nos desafia a sermos seus seguidores com coerência entre a Palavra que cremos e a vida que vivemosQue o nosso grupo saiba utilizar os obstáculos, sofrimentos e dificuldades como meio de maior aproximação com Deus, que nós cumpramos o nosso dever e desafio de sermos autênticos salvatorianos e salvatorianas, sempre, e em todo o lugar.

José Ismair da Cruz ADS

Visitaçao

Com muita alegria queremos agradecer a presença das Irmãs Therezinha Joana Rasera (Coordenadora Geral) e Dulcelene de Fátima Ceccato (Conselheira geral) em nossa Província no mês de abril.

Nós Irmãs da Província São Paulo sentimos que este tempo da visitação de nossos Irmãs foi para cada uma de nós um tempo da graça e bondade de Deus, um tempo favorável, um tempo abençoado, onde pudemos experimentar a ação do Espírito Santo em cada encontro, pois a alegria manifestada por cada Irmã, por cada comunidade foi expressiva e contagiante.

Com um carinho todo especial agradecemos de coração a presença generosa, simples e fraterna de vocês no meio de nós.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

São 206 os povos indígenas no Brasil de hoje. Na maioria sociedades diminutas, remanescentes de populações que já foram consideráveis, destruídas por doenças, escravização, massacres, invasão de seus territórios, deportação, programas de assimilação: mais de dois terços desses grupos não chegam hoje a mil pessoas. No total, são uns 280 mil índios, contando-se apenas os que moram em áreas indígenas. Outros 30 mil são índios desaldeados, que moram na maioria em áreas urbanas. A população indígena concentra-se na Amazônia, onde moram cerca de 60% dos índios brasileiros.

As sociedades indígenas são muito diversas entre si. Vejam-se as línguas, por exemplo. Distinguem-se 163 línguas indígenas diferentes. Se incluirmos os dialetos, esse número sobe para 195. Com exceção de dez línguas isoladas, que não se aparentam com nenhuma outra, essa grande variedade de línguas pode ser agrupada em 14 conjuntos.

Quatro grandes grupos lingüísticos espalham-se por territórios amplos, que podem transbordar das fronteiras nacionais: são os grupos Macro-Tupi, Macro-Jê, Aruak e Karib. Os troncos lingüísticos Macro-Tupi e Macro-Jê agrupam mais de 20 línguas cada um.

Dez grupos lingüísticos territorialmente mais compactos e quase todos da periferia da bacia amazônica reúnem um número menor de línguas: são as famílias Arawá, Txapakúra, Pano, Guaykuru, Nambikwára, Mura, Katukina, Yanomami, Tukano e Maku. As línguas isoladas, dez ao todo, são em geral faladas por pequenos grupos. Mas uma delas é falada por um dos maiores grupos indígenas brasileiros, os Tikuna, que reúne 20 mil índios.

Muitas línguas se perderam neste século e outras estão a ponto de se perderem. Assim, os Pataxó Hã-hã-hãe, do sul da Bahia, pediram a lingüistas e antropólogos que elaborassem um vocabulário com a última falante de sua língua. É na região Leste e Nordeste do País que mais línguas se perderam, em parte fruto de preconceito e de políticas assimilacionistas. Hoje, pela Constituição brasileira, o ensino em áreas indígenas deve ser bilingüe.

A diversidade das sociedades indígenas - cada uma sendo uma síntese original de sociabilidade e de uso dos recursos naturais - é um patrimônio essencial do Brasil. O que talvez mais chame a atenção seja o contraste entre a simplicidade das tecnologias e a riqueza dos universos culturais. As sociedades indígenas elaboraram cosmologias e sistemas sociais complexos, nos quais o patrimônio imaterial parece ter um privilégio sobre o patrimônio material. Enquanto a propriedade privada da terra, por exemplo, é inexistente, direitos sobre bens imateriais, tais como nomes próprios, cantos, ornamentos rituais, são objeto de detalhada regulamentação.

A arte indígena, por sua vez, parece preferir suportes perecíveis: em muitas dessas sociedades, o corpo humano, a palha e as plumas são objeto de um trabalho artístico intenso - pintura corporal, cestaria, arte plumária - sobre objetos essencialmente efêmeros.

As sociedades indígenas são diminutas, como vimos, e dão uma impressão errônea de isolamento. Na realidade, elas têm crescentemente se revelado ligadas a uma extensa rede de trocas - de mercadorias, de esposas, de cantos e rituais - e abertas ao exterior. Exemplos importantes são as sociedades do Alto Xingu e as do Alto Rio Negro. No Alto Xingu, vários grupos indígenas falando línguas de troncos ou famílias diferentes compartilham um universo cultural e estabeleceram um sistema de trocas baseado numa especialização de certa forma fictícia.

Ao invés da especialização (em cerâmica, adornos etc.) ser a causa das trocas, as trocas é que derivam na sociabilidade que produz a especialização. No Alto Rio Negro, em um processo análogo, grupos de línguas diferentes devem casar entre si, e maridos e mulheres não falam a mesma língua.

Já se interpretaram os pequenos efetivos demográficos das sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul como uma adaptação a ecossistemas com escassos recursos, mas hoje esse determinismo ecológico está caindo em desuso.

Está se percebendo, ao contrário, que, em certas áreas pelo menos, o fracionamento das sociedades indígenas seria um produto da história mais do que do meio ambiente, e que muitos dos grupos que hoje são caçadores-coletores teriam sido agricultores em outras épocas. Outros antropólogos ligaram o tamanho das sociedades indígenas das terras baixas a um deliberado projeto igualitário, que evitaria a emergência de um Estado ou de uma estratificação social, o que está sendo hoje posto em dúvida por arqueólogos da Amazônia que sustentam a existência de cacicados altamente hierarquizados até à época da Conquista.

Conforme se vê, a população original do Brasil foi drasticamente reduzida por um genocídio de projeções espantosas, que se deu através da guerra de extermínio, do desgaste no trabalho escravo e da virulência das novas enfermidades que o achacaram. A ele se seguiu um etnocídio igualmente dizimador, que atuou através da desmoralização pela catequese; da pressão dos fazendeiros que iam se apropriando de suas terras; do fracasso de suas próprias tentativas de encontrar um lugar e um papel no mundo dos "brancos". A genocídio e ao etnocídio se somam guerras de extermínio, autorizadas pela Coroa contra índios considerados hostis, como os do vale do rio Doce e do Itajaí. Desalojaram e destruíram grande número deles. Apesar de tudo, espantosamente, sobreviveram algumas tribos indígenas ilhadas na massa crescente da população rural brasileira.

Fonte: geocities